

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA
COORDENAÇÃO DE INTEGRAÇÃO DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MEDIO -
2014

A FELICIDADE A PARTIR DA OBRA DE BEATA VITA DE SANTO
AGOSTINHO

CURITIBA

2015

JOÃO BATISTA SILVA

A FELICIDADE A PARTIR DA OBRA DE BEATA VITA DE SANTO
AGOSTINHO

Monografia apresentada junto ao curso de
*ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA
NO ENSINO MÉDIO - 2014 da UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ, em FILOSOFIA, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Especialista.*

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vieira Neto.

CURITIBA

2015

RESUMO

A felicidade é um tema discutido por muitos filósofos. Santo Agostinho, na obra *De Vita Beta*, faz uma tentativa filosófica de mensurar o conceito de felicidade a partir da via teológica. Com a promoção de um encontro, ele propõe aos seus amigos uma retórica sobre a felicidade. A abrangência desta pesquisa tem como ponto de partida a obra de Agostinho e outros autores que o referendam, com o objetivo de demonstrar sua trajetória na busca da vida feliz. “Você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro das consequências”. (Pablo Neruda). Sendo assim, partiremos em busca da demonstração da felicidade na história, pois frequentemente ela é entendida apenas como um momento de bem estar. Agostinho nos propõe uma forma de conhecimento norteada pela felicidade.

Palavras chave: felicidade, filosofia, busca, conhecimento.

ABSTRACT

Happiness is a subject discussed by many philosophers. In *De Vita Beta*, St. Augustine makes a philosophical attempt to measure the happiness concept through the theological aspect. In a meeting, he proposes to his friends a rhetoric about happiness. The starting point of this research is St. Augustine works, as well as other authors who share the same ideas, with the aim of showing his trajectory in the search of a happy life. “You are free to make your choices, but you are a prisoner of the consequences”. (Pablo Neruda). So, we will set off in search of the happiness demonstration in history, once it is often understood as a simple well-being moment. Augustine proposes a way of knowledge steered by happiness.

Keywords: happiness, philosophy, search, knowledge.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	04
INTRODUÇÃO	05
QUEM FOI SANTO AGOSTINHO	06
HISTÓRICO SOBRE A LIBERDADE	07
DE BEATA VITA: UMA REFLEXÃO SOBRA A FELICIDADE	10
O CONHECIMENTO HUMANO	15
A LIBERDADE	19
O AMOR COMO CONDIÇÃO PARA A LIBERDADE	20
O TEMPO E A FELICIDADE	22
A CONVIVÊNCIA E A FELICIDADE HUMANA	24
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

INTRODUÇÃO

Santo Agostinho como muitos de sua época buscou a felicidade. Em seu propósito, ele se reuniu com um grupo para discutir e apontar alternativa para se ter, ou encontrar uma vida feliz. Grande parte dos filósofos da antiguidade descrevem comentários ou discussões sobre este tema. Na verdade, do homem busca por uma vida feliz, ora pela satisfação financeira, religiosa, etc.

A proposta deste trabalho é analisar a obra de Santo Agostinho “De Beata Vita” sob um olhar filosófico e não teológico, salientando que é possível pelo conhecimento encontrar a felicidade e, como a felicidade e vista pelo mundo contemporâneo com os estudos de Hannah Arendt entre outros.

Por fim é possível falarmos da felicidade, não apenas sob o foco da teologia. O conhecimento que realizamos através da pesquisa e principalmente pelo aprimoramento do conhecimento nos coloca diante de uma proposta de felicidade. Sendo assim partiremos de uma alusão a Santo Agostinho para uma demonstração de uma vida feliz. “Você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro da consequências” (Pablo Neruda).

Na maioria das vezes a felicidade somente é entendida como um momento de bem estar. Não se aplica como salutar ações do prazer no conhecimento. A filosofia pode ser uma ferramenta para esta busca e, possivelmente para seu encontro. Se tivermos como ponto de partida o significado etimológico da para filosofia termos, de uma forma simplista como amigo da sabedoria. Filosofia é uma palavra grega que significa "amor à sabedoria" e consiste no estudo de problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e linguagem. Desejo pelo saber. Se buscar om saber é uma demonstração de se encontrar a felicidade, estamos no caminho certo. Agostinho se dedica a busca do conhecimento do dialogo “De Beata Vita”, argumentando a partir de um conhecimento fundamentado principalmente na figura de Deus como Supremo Bem. Talvez tenhamos uma axiologia sobre a felicidade. Vida feliz, quem não a deseja! Quando nos entendemos, ou seja, nos humanizamos, reconhecemos nossa verdadeira figura, passamos a atuar não como atores, mas como seres com significado. A vida passa a ser diferente, as ações passam a ter significado. Desta forma, a alma é revelada. Qual seria a grande procura de Agostinho? Porque ele se debruça em demonstrar como o homem pode ser feliz? Onde está verdadeira felicidade? Será que a felicidade só esta em Deus? Quem não crê em Deus como pode ser feliz? Sobre estas indagações percorreremos em um campo histórico-filosófico, por autores, opiniões e teses sobre este conceito. Afinal como podemos ser felizes?

QUEM FOI SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho, é de origem da chada Africa Romana, nascido em Tagaste, Numídia, no dia 13 de novembro de 354. Ele era filho de um pai não cristão e de mãe cristã. Esteve inserido em várias escolas filosóficas de sua época, como os cétricos, maniqueistas, platônicos e neoplatônicos. Agostinho é considerado até hoje, como um dos maiores pensadores do cristianismo.

Durante sua vida, teve contato com inúmeras formas de conhecimento que moldaram seu pensamento e, principalmente sua defesa do cristianismo. De Beata Vita foi compilado durante uma refeição em uma propriedade rural de um amigo. Este local era propício para a realização de uma discussão acompanhada de uma refeição, daí a expressão clássica para um banquete. Agostinho oferece na ocasião de seu aniversário esta refeição. O diálogo por ele dirigido e apreciado pelo seu filho, sua mãe Mônica e seus amigos (Discípulos), trata como tema fundamental a felicidade, dando destaque e ênfase à Deus.

Pensando a felicidade a partir da ideia de Deus, ele afirma quem não possui a Deus não é feliz. Logo quem possui a Deus é Feliz. Para ele a felicidade é a posse do supremo bem, sendo o supremo Bem Deus. A sociedade só é encontrada com a posse de Deus. Aqui percebemos uma indicação aos cétricos que são desta forma infelizes, por que não possuem a Deus. A posse de Deus não é o seu domínio como propriedade mas como entrada para a vida feliz.

Falando em Santo Agostinho, cabe lembrar que ele foi um grande retórico, um grande filósofo. Suas obras foram e são muito importantes para a história da filosofia. Antes da conversão passou por várias escolas de pensamento, mas não se encontrou. Com a conversão torna-se combatente das supostas heresias que defendeu durante boa parte de sua vida. Agostinho foi um homem do seu tempo, mas pode ser entendido em qualquer momento. Começa escrevendo filosofia e, posteriormente se dedica aos discursos teológicos e principalmente as exegeses bíblicas.

Aqui será elencado um Agostinho preocupado em buscar a felicidade a partir de um discurso ou como conhecemos um diálogo. Limitaremos este trabalho a obra “De beata vita”, que se caracteriza contra os acadêmicos e, crítica do ceticismo, sobre a felicidade.

HISTÓRICO SOBRE A FELICIDADE

A princípio devemos conceituar o que ceticismo e depois acadêmicos no contexto augustiniano. “O ceticismo filosófico, tanto o pirrônico, quanto o acadêmico, realizam um exame crítico dos sistemas dogmáticos. O cético é aquele que, insatisfeito com as irregularidades do mundo, saiu a procura de explicações que o levasse a verdades sobre como entender e resolver estas irregularidades. De posse da verdade o cético esperaria alcançar, enfim, paz de espírito”(https://pt.wikipedia.org/wiki/Ceticismo_filos%C3%B3fico#cite_note-7).

Diante destas informações, perguntamos o que é felicidade? Se perguntarmos a um indivíduo o que é felicidade, certamente será apresentada uma resposta pessoal, pois em certo sentido, ela é algo pessoal. O conceito de felicidade para o senso comum é compartilhado pela maioria das pessoas; felicidade é: “muito dinheiro no bolso saúde para dar e vender...”. Nos enganamos quando acreditamos que felicidade é algo recente. Ela acompanha o homem durante toda a história da humanidade.

Para Sócrates, ser feliz era praticar a justiça, ou seja ser justo. Quando ele recebe a condenação por incitar os jovens ao conhecimento, a aceita com tranquilidade. A reflexão efetuada por Sócrates sobre a felicidade encontramos no diálogo “Górgias”, de Platão.

Para os gregos, a felicidade é entendida como eudaimonia, ou seja, bom demônio, uma espécie de gênio, que acompanhava a pessoa durante toda a sua vida, porém dependia de sua sorte. Logo quem tivesse um “mal demônio”, era uma pessoa infeliz. Durante um certo período os gregos deram mais valores aos maus demônios, desta forma não é de admirar o porque que eles escreviam as tragédias.

Com o nascimento da filosofia, esta visão começa a ser mudada. Com Demócrito a felicidade já esta estabelecida como busca.

Voltemos ao Sócrates. Ele deu por volta do século V uma nova direção a ideia de felicidade, afirmando que ela não de dava apenas nos prazeres desejados pelo corpo. Ele afirma que o homem não era somente corpo, acima de tudo alma. Esta ação só poderia ser atingida por uma boa conduta, por uma ação virtuosa e justa. Para ele sofrer uma injustiça era bem melhor que praticá-la. Relembramos sobre sua aceitação com relação a condenação.

"Condenado à morte pelo povo de Atenas, Sócrates, rodeado por um grupo de amigos desolados, prepara-se para beber uma taça de cicuta. Na primavera de 399 a.C., três cidadãos atenienses instauraram um processo contra o filósofo. Acusavam-no de não venerar os deuses da cidade, de introduzir inovações religiosas e de corromper os jovens de Atenas. A gravidade das acusações era de tal ordem que exigia pena

capital.

Sócrates reagiu com serenidade absoluta. Apesar de, durante o julgamento, lhe ser dada a oportunidade de renunciar às suas ideias, ele preferiu manter-se fiel à busca da verdade a assumir uma conduta capaz de o tornar benquisto entre seus inquisidores. Segundo o relato de Platão, ele desafiou o júri com as seguintes palavras: "Enquanto eu puder respirar e exercer minhas faculdades físicas e mentais, jamais deixarei de praticar a filosofia, de elucidar a verdade e de exortar todos que cruzarem meu caminho a buscá-la [...] Portanto, senhores [...] seja eu absolvido ou não, saibam que não alterarei minha conduta, mesmo que tenha de morrer cem vezes. ¹ "

Um dos discípulos de Sócrates chamado Antístenes, acrescento ao termo felicidade uma ideia considerável: "um homem feliz é um homem autossuficiente".

Considerado o maior discípulo de Sócrates Platão, talvez o que mais fala dele (Sócrates), elenca que como a alma busca a virtude e justiça, logo ela encontra a felicidade. Neste momento é importante entendermos que estes dois conceitos "virtude e justiça", é mencionado no pensamento filosófico da Ética, que se debruça na discussão e investigação dos costumes, tendo em vista identificar os bons e os maus. No caso de Platão, a ética não estava limitada as coisas privadas. Sendo assim o filósofo afirma que a função do estado, por exemplo era de fazer com que os homens se tornassem bons e felizes.

Aristóteles discípulo de Platão, dedica seus estudos em uma de suas maiores obras, Ética a Nicômaco, tratando sobre a felicidade. Criticou severamente o idealismo platônico, ressaltando temas como a liberdade (Não a escravidão), uma situação de melhoria econômica e boa saúde para que o homem possa ser feliz.

Partindo do raciocínio de que o homem é um animal racional, Aristóteles afirma que a maior virtude de nossa alma racional e o exercício do pensamento (raciocínio), isto é a felicidade se identifica com o pensamento filosófico, aproximando o ser humano da divindade.

Sem fugir de suas ideias práticas Aristóteles, considera a política como uma extensão da ética, e neste sentido também considera que função do estado promover condições para que o homem (cidadão) seja feliz. A expressão estado que nos referimos é a pólis. Porém neste momento histórico, a pólis estava desaparecendo com o nascimento do império de Alexandre o Grande, aluno de Aristóteles.

¹

<http://www.afilosofia.com.br/post/a-morte-de-socrates/360>

Com Alexandre, o mundo grego desenvolve três escolas filosóficas, chamadas escolas helenísticas. Apesar de todas seguirem caminhos diferentes no pensamento, ambas chegam a conclusão que para ser feliz, o homem deve ser autossuficiente, porém desenvolver uma atitude de indiferença, em relação ao seu redor. Para estas escolas filosóficas, a felicidade era entendida como apatia. Apatia não possuía o mesmo sentido que da atualidade.

No mundo helenístico, Epicuro, afirma que a ideia de apatia não significa se privar de prazer. Para ele, o prazer é fundamental, visto que defendia o hedonismo. Por fim com o advento da Idade Média, não é vista no cenário da filosofia. Como está ideia esta relacionada a vida humana, no primeiro momento, não é de interesse para os chamados filósofos cristãos. Para a filosofia cristã, o que mais conta é, a salvação da alma e não a felicidade humana.

Com o advento da Idade Moderna, com John Locke e Leibniz, encontramos a identificação da felicidade como um prazer, ou seja, um prazer duradouro. Cem anos depois aproximadamente Emmanuel Kant, demonstra na obra “Crítica da Razão Prática”, conceitua a felicidade como a “a condição do ser humano no mundo, para quem, ao longo da vida, tudo acontece com o seu desejo e vontade”.

Para Kant a felicidade se coloca no âmbito do prazer e do desejo, não se igualando a ética, desta forma não é ponto de investigação científica. O argumento de Kant é de tamanha importância, pois a partir daí, o tema felicidade, desaparece das obras filosóficas. Porém no século XVII encontramos na Europa, uma grande influência do iluminismo.

Na filosofia Anglo-saxônica, destacamos Bertrand Russell, que dedicou uma de suas obras “A conquista da Felicidade, com a utilização com a investigação lógica, afirmando que necessário várias coisas e relações com outros seres humanos para ser feliz. Em suma para Russell, a felicidade é a a eliminação completa do egocentrismo.

Por fim, recentemente destacamos o filósofo espanhol Julián Marías que, dedica um livro com o título, “A felicidade Humana”, fazendo um longo estudo sobre esta ideia, destacando sua história, a partir da antiguidade até nossos dias. Ele destaca a ausência desta discussão filosófica na história da humanidade. Talvez este fato seja, a causa primeira do por que esta sociedade ainda não é feliz.

DE BEATA VITA: UMA REFLEXÃO SOBRE A FELICIDADE

A realização de discussão sobre felicidade, é muito comum no mundo antigo, destacaram a filosofia como a ação ou caminho que direciona a felicidade. Agostinho nos diz que a filosofia não é o porto da felicidade, contrapondo aquilo que muitos filósofos colocaram como premissa para o conhecimento. Para ele somente Deus é a felicidade.

No diálogo De Beata Vita, Agostinho se utiliza de uma alegoria da navegação, ferramenta da filosofia antiga. Agostinho se utiliza desta metáfora para mencionar aqueles que buscam a filosofia, ou seja, apotrar-se seguramente em terra firme, sendo a felicidade esta terra firme que buscamos. Porém, não são todos que a desejam que a encontram. Segundo ele, seriam possibilidades. Ele nos aponta três tipos de navegadores:

“Entre os homens susceptíveis de serem acolhidos pela Filosofia, creio distinguir como que três espécies de navegantes. A primeira é daqueles que, tendo chegado à idade em que a razão domina, afastam-se da terra, mas não demasiadamente. Com pequeno impulso e algumas remadas chegam a fixar-se em algum lugar de tranquilidade, de onde manifestam sinais luminosos, por meio de obras realizadas na intenção de atingir o maior número possível de seus concidadãos, para estimulá-los a virem ao seu enalço. A segunda espécie de navegantes, ao contrário da primeira, é constituída dos que, iludidos pelo aspecto falacioso do mar, optam por lançar-se ao longe. Ousam aventurar-se distante de sua pátria e, com frequência, esquecem-se dela. (...) e vagalhões. Poderiam então recuperá-la, de imediato, sem se deixar desviar ou atrasar. Finalmente, há terceira categoria de navegantes, a meio-termo entre as outras duas/Compreende os que, desde o limiar da adolescência ou após terem sido longa e prudentemente balançados pelo mar, não deixam de dar sinais de se recordarem da doce pátria, ainda que no meio ”².

Sendo assim, Étienne Gilson descreve as aqueles que definham para a felicidade:

“.....que assim tendem à felicidade pelo conhecimento, alguns têm a prudência de procura-la desde a juventude e têm a felicidade de a atingirem logo; outros, ao contrário, tentam encontra-la com paixão em vias falsas e só voltam a si mesmos sob o golpe de provas por vezes trágicas; outros, enfim, sem mostrar nem tal prudência, nem essa loucura, desde a juventude, fixam os olhos no fim a atingir e, ao mesmo tempo que vagam ao longe, voltam os olhos para ele; em meio

² (De Beata Vita I, 1 pagina 117 e 118).

a ondas, estes guardam as lembranças da tão doce pátria onde terminarão por apodrar um dia.³”

Segundo Santo Agostinho existe dois fatores que impedem diretamente o homem de atingir a felicidade, o orgulho e as paixões, fator este muito defendido pelos cristãos de sua época. A partir deste ponto sua reflexão se divide em etapas para se atingir a beatitude, ou seja, a felicidade. Agostinho inicia seu itinerário em cinco etapas: A leitura das Escrituras Sagradas, maniqueísmo, astrologia, ceticismo e neoplatonismo.

O ponto de partida é a leitura da Sagrada e Escritura. A leitura não deve ser apenas de forma literária, mas como a busca por Deus. Apesar de Agostinho não ter tido um contato prazeroso no início de seus estudos, ele demonstra no Livro “As Confissões” sua aflição por ter demorado a conhecê-lo. Após a conversão percebemos que seu modo pensar a felicidade, tendência para a busca incessante a Deus.

O Segundo ponto a ser tratado é o maniqueísmo. O maniqueísmo era uma religião persa. Tem sua origem no período chamado helênico. Trata-se de cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal), em localizar a matéria e a carne no reino das sombras, e em afirmar que ao homem se impunha o dever de ajudar à vitória do Bem por meio de práticas ascéticas. Aqui temos a impressão de que de que Agostinho nos propõem chegar a verdade racionalmente. Desta forma podia explicar o pecado. Ele percebe que o maniqueísmo muitos problemas, como negar nossas responsabilidade e, desta forma ele vai procurar a verdade em um lugar diferente. O moco maniqueísta na visão de Agostinho não pode ser levantado desta maneira pois,

“a análise do pensamento maniqueu fez Agostinho encontrar deficiências internas que exigiam a superação do próprio Maniqueísmo: ou Deus, na luta eterna, seria afetado pela realidade do mal, e, com isso, ter-se-ia de admitir que Deus poderia ser afetado e mudado por alguma substância (o que não se concilia com a soberania divina), ou não seria afetado e, então, deixaria de haver razão para a luta eterna (cf. Confissões VII, 2). A fragilidade sistemática do Maniqueísmo solicitava de Agostinho que superasse tal forma de pensamento”.⁴

³ (GILSON. Etienne. Introdução ao Estudo de Santo Agostinho. Pagina 18).

⁴ (SAVIAN FILHO, Juvenal. op. cit., p. 52).

Após superar o maniqueísmo, ele adere a astrologia. Os argumentos defendidos por este tipo de pensamento:

"Também já tinha rejeitado as enganadoras predições e os ímpios delírios dos astrólogos. Ainda nisso, meu Deus, Vos quero confessar as vossas misericórdias, desde as fibras mais secretas da minha alma! Fostes Vós, só Vós — pois quem é que nos afasta da morte de todo o erro, senão a Vida que não conhece morte, a Sabedoria que ilumina as inteligências indigentes, sem precisar de luz alguma, e rege todo o mundo, até às folhas movediças das árvores? —, fostes Vós que medicastes a contumácia que eu opunha ao arguto velho Vindiciano, e a Nebrídio, jovem de alma admirável."⁵

Agora, ele se decepcionou com o maniqueísmo, ou seja, com as verdades anteriores. Com isso, adere ao ceticismo, passando a duvidar das verdades anteriores. As certezas (probalismo), não eram possíveis. Os primeiros escritos de Santo Agostinho estudam o problema da certeza. Isto é um importante elemento de seu pensamento, porque pressupõe o fim negativo da filosofia grega:

Porém, cabe lembrar que,

"os acadêmicos não se mostravam capazes de pôr em dúvida a existência do pensamento, Agostinho supera o ceticismo, chegando à conclusão de que, mesmo que se pudesse duvidar de tudo, ainda assim haveria uma realidade da qual não poderia duvidar, a realidade do pensamento: 'Se me engano, então existo'."⁶

Por fim ao abandonar o ceticismo, julgando de forma negativa, adere ao neoplatonismo, visto por muitos como um caminho místico. Ao tornar-se neoplatônico Agostinho, se firma em uma nova certeza, a certeza imediata de Deus. O neo platonismo sempre defende a ideia de imediatez da verdade na alma interior. Com isso sua busca ao divino faz-se realidade. O deus de agostinho se oferece com uma realidade. "Eu sou aquele que sou" (Ex. 3,14). Este Deus é transcendente (metafísico), sua presença é atestada por qualquer juízo verdadeiro. Assim reflete GILSON....

Enquanto compreendemos, ainda não é de Deus que se trata, porque ele é inefável, e dizemos mais facilmente o que ele não é do que o que ele é. Entre todos os nomes que podemos lhe dar, há, contudo, um que o designa melhor do que os outros, aquele sobre o qual ele mesmo quis-se fazer conhecer pelos homens, quando disse a Moisés: Ego

⁵ (Coleção os Pensadores, pagina 145, 1980)

⁶ (Cidade de Deus XI, 26)"

sum qui sun (Ex. 3, 14). Ele é o próprio ser (ipsum esse), a realidade plena e total (essentia), a tal ponto que, estritamente falando, esse título de essentia só convém a ele próprio”.⁷

Para Agostinho, todos os homens buscam a felicidade. Faz parte da natureza humana este desejo. O ser humano só pode ser feliz de tem tudo que pode querer. Com Cícero, Agostinho compreende que ter o que se quer nem sempre é encontrar a felicidade. Neste sentido a posse de bens pode se a infelicidade, pois só pode ser feliz que se desfruta do Sumo Bem, da verdadeira sabedoria (Deus). Desta forma, Agostinho se debruça na busca nessa busca pela felicidade em Deus. Portanto, quem possui e conhece a Deus é feliz. Desta forma os acadêmicos não podem ser felizes, pois procuram a sabedoria em outro lugar.

O que se entende por possui Deus? Fazer o que ele quer? Não ter o espírito imundo? Considerando o pensamento de Agostinho, quem vive bem faz a vontade de Deus e, quem faz o que Deus quer, vive bem. Quanto ao viver sem o espírito imundo, significa viver castamente. Ele não esta se referindo ao celibato, mas a vida casta em Deus. Desta maneira, a pureza verdadeira em se apegar em Deus. Sendo assim as premissas acima se convertem a um mesmo ponto substancial.

Deus quer que os homens o procurem. Quem procura a Deus não pode levar uma vida má. Aquele que esta a procura de Deus, também está em busca da felicidade, por que Deus é o Sumo Bem, diz Agostinho. Pois, aquele que já encontrou a Deus já e feliz.

A carência (falta), a privação da sabedoria, pois quem possuía pode chegar a felicidade. Aqui poderemos colocar filosofia como esta busca à sabedoria. A filosofia é uma ferramenta, que proporciona esta busca a sabedoria. O termo filosofia, amigo da sabedoria, poderia se encontrar perfeitamente com esta busca Agostinho.

A filosofia durante toda a sua historia, tendeu-se a buscar o saber de diversas formas e, com isso entendemos a hipótese de encontrarmos a sabedoria. A filosofia nasce de uma pergunta, ou de um problema. O nosso problema é a felicidade. Como encontrar a felicidade? Seria a felicidade a busca a Deus? Seria a felicidade um preceito religioso, de bem estra com a Divindade?

Tendo a filosofia com ponto de partida, para a conceituação da felicidade, começamos nossa jornada em busca desta resposta. Mas, afinal de contas o que é ser feliz? Ser feliz é um desejo presente na natureza humana, isto leva o ser humano por almejar o conhecimento, as realizações, o se encontrar com as coisas existentes. Com esta intenção o foco filosófico em estudar a natureza, migra para o

⁷ (GILSON, Étienne. *A Filosofia na Idade Média*, p. 148).

ser. Como o homem é o único ser pensante na face da terra, faz-se necessário debruçasse em si mesmo para conhecer o mundo que p circunda.

“Mais de dois mil anos já se passaram desde o dia em que Platão ocupava o centro do universo espiritual da Grécia e em que todos os olhares convergiam para a sua Academia, e ainda hoje se continua a definir o caráter da filosofia, seja ela qual for, pela sua relação com aquele filósofo. Todos os séculos da Antiguidade que se seguiram a ele ostentam na sua fisionomia espiritual traços da filosofia platônica (por mais metamorfoseados que estejam), até que por fim o mundo greco-romano se unifica sob a universal religião espiritual do neoplatonismo. A cultura antiga, que a religião cristã assimilou e à qual se uniu para entrar, fundida com ela, na Idade Média, era uma cultura inteiramente baseada no pensamento platônico. É só a partir dela que se pode compreender uma figura como a de Santo Agostinho, que traçou a fronteira histórico-filosófica da concepção medieval do mundo”⁸

A filosofia de Platão de sugere uma visão de mundo diferente. Agostinho em sua época mergulha de corpo e alma nesta filosofia e, constrói a parti daí suas principais teorias. Para construirmos um pensamento filosófico sobre a felicidade, faz-se necessário compreendermos nossa própria existência. Fato que nos compreender quem somos e, o que desejamos definitivamente para sermos completamente felizes. “Quando tomamos consciência de que não nos preenchemos e que estamos estagnados, sem nada a acrescentar em nossa história, então descobrimos que a verdadeira busca pela felicidade acaba de ser iniciada.”⁹

Do que depende a felicidade humana. Em suma depende principalmente da descoberta do ser. Como reflete Agostinho do encontro com da alma som o Bem Supremo. Vivenciar aquilo que é e, não aquilo que não podemos alcançar.

⁸ (JAEGER 2003, pagina 581).

⁹ ARENDT, Hannah (1997, p. 84)

O CONHECIMENTO HUMANO

O ser humano é voltado para o conhecer. É de sua natureza conhecer para sua sobrevivência, o domínio de técnicas. No início da civilização humana dominar uma nova tecnologia, demonstrava a superação de um grupo sobre o outro. Pensemos no ser humano quando criança. Ao nascer com ou sem as ajudas dos pais é movido pela curiosidade. Suas ações no grupo, como nos diz, Lev Vygotsky em suas teorias. Demonstrando a necessidade do convívio humano para o aprendizado. Reflete ele que é impossível aprendermos sem os relacionamentos sociais. O indivíduo vai com o meio construir seu conhecimento. Flavia SAYEGH, nos apresenta,

“Piaget aprovou a construção individual como singular e diferente, embora comumente ligada e próxima daquela da cultura, com isso a criança tem a chance de errar e construir. Vai ocorrendo períodos de desequilíbrio para uma nova sustentação de bases. Sabemos que muitos indivíduos estão estacionados em algumas etapas de desenvolvimento e isso é refletido no dia-a dia, com um jeito particular de pensar”¹⁰.

Desta forma, como fazemos parte de uma sociedade, constituída por um grupo, nos conhecemos e nos fazemos conhecer. Nas relações que nem sempre são prazerosas, muitas vezes nós decepçamos. Sendo assim nosso pensamento de constrói naquilo que vivenciamos com o grupo. É com esta construção de conhecimento que balizamos nossa história. Ao fazermos isto iremos descobrir a natureza humana. Conhecer e viver e, viver e buscar a felicidade.

Conheço diversa coisa pelos sentidos. Porém é preciso refletir o conhecido passando pelo entendimento. Agostinho nos fala que os sentidos de alguma forma nos levam ao conhecimento. Sócrates, quando afirma “conhece-te a ti mesmo”, demonstra que primeiro devemos aprender o que não sabemos, ou seja, despertar o conhecimento, conhecer o interior. Com a vida de Agostinho podemos observar este conhecer a si mesmo. “Antes, gostava de me desculpar, acusando a não sei que ser estranho que estava em mim, mas que não era eu. Na verdade, eu era tudo aquilo, embora minha impiedade me tivesse dividido contra mim mesmo.”¹¹ O não conhecer

¹⁰ SAYEGH, Flávia. *As relações entre desenvolvimento e aprendizagem para Piaget e Vygotsky*. Disponível em: <<http://www.profala.com/artpsico60.htm>> Acesso em: 08/12/2015.

¹¹ (AGOSTINHO, 2007, p.111).

nos faz ver o mundo sobre a ótica da superficialidade. Não enxergamos a alma. Temos uma visão turva do mundo, semelhante a uma pessoa que possui problemas de visão.

Voltando ao conhecimento pelos sentidos, mesmo sabendo que ele nos proporciona um saber superficial, eles podem nos proporcionar uma sensação de satisfação de prazer. Os sentidos, tem o poder de nos descentralizar do verdadeiro conhecimento. As vezes eles nos distancia do que verdadeiramente somos. Seria como estivéssemos fora do porto.

Acreditar em sim mesmo e ter confiança no que realmente é. O contrário desta ação e caminhar sem direção, sem destino algum, solto ao vento. É viver a vida sem nenhum sentido. O conhecimento esta ligado diretamente ao universo do sentido das coisas e as pessoas que conhecemos. Ao conviver no mundo, o homem deixa se envolver e, desta forma torna-se movido pelo mundo, ocorre uma modificação no seu modo de agir e enfrentar. Suas relações o distancia de si mesmo e o aproxima das coisas conhecidas. Existe uma atração para com o objeto. Quando ocorre este distanciamento, o homem vai cada vez mais se distanciando do ser humano. Suas ações vão se coisificando, tornando o centro de sua existência. O mundo em questão torna-se um deserto. ARENDT assim aponta:

"Mas porque é que o mundo pode ser um deserto para o homem que procura? Como e por que o homem pode viver no questionamento que é a sua procura, sem nada exigir ao mundo? A constante relação estabelecida com um objecto pode ser suprimida pela presença perto do que é desejado. Esta presença é a quietude (quies), manter o que se deseja. A posse apenas supera verdadeiramente o isolamento e harmonia a beatitude.¹²"

O desejo humano por não ser compreendido pelos sentidos, conduz o homem a ver o mundo de maneira errada, sufocando o desejo de conhecer. No mundo em que vivemos e principalmente em função das ações do capitalismo, o ter é mais exaltado do que o ser, ou seja, o objeto é mais importante que o sujeito. O sistema nos aprisiona a coisificação do agir humano.

A cultura do momento é a posse. Por isso, o desejo do homem que é descobrir é substituído pelo consumir ou possuir. Sendo assim, todo o foco por ele idealizado, está direcionado ao objeto e não ao sujeito. Esta sua decisão pode levá-lo ao sofrimento, a infelicidade.

¹² .(ARENDT, HANNAH. O conceito do amor em Santo Agostinho. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 189 p.)

Tornando o objeto o seu único foco, ele torna-se escravo deste mundo. Tudo gira em torno daquela escolha, gerando o comodismo. Tudo isso leva-o ao ter, pois a medida que não se é o ser perde seu sentido existencial. Desta maneira menciona Agostinho:

Certamente não está nas coisas mortais, porque o que existe em outra coisa não pode permanecer se não permanece aquilo onde está. E há pouco concordamos que a verdade permanece mesmo quando perecem coisas verdadeiras. Por isso, a verdade não está nas coisas que perecem. Mas a verdade existe e não está em nenhum lugar. Portanto, existem coisas imortais. Mas nada há de verdadeiro onde não esteja a verdade. Conclui-se, pois, que não há coisas verdadeiras senão as que são imortais.¹³

Desta maneira, estar somente no ter é a tolir-se, pois é passageio levando em consideração o tempo. Porém nortear nossa vida em busca do caminho da alma, ou seja, transcender-se é buscar a verdade. O desenho do conhecimento só se torna possível quando se passa pela alma, pois é por ela que há o encontro de si. Não é possível alguém ensinar o caminho de algo sem nunca tê-lo conhecido.

Por estarmos envolvidos nos ter, ficamos perdidos, longe de nós mesmos. O inverso disso é o encontro do desejo de conhecer que passa pela alma. Se alcançarmos o poder de nos tornarmos senhores da alma, teremos assim a vida feliz.

Assim escreve ARENDT,

“Do querer possuir e do querer manter o desejo nasce o medo da perda. No instante em que é possuído, o desejo transforma-se em medo. Assim como o desejo deseja o bem, o medo receia o mal. O mal, que afasta o medo, ameaça à vida feliz que consiste em possuir o bem. Enquanto o homem deseja as coisas temporais (*res temporales*), expõe-se continuamente a esta ameaça, e ao desejo de possuir correspondente incessantemente o medo de perder”.¹⁴

Para o homem, resta a desejar o que a alma deseja, ficando livre do tempo, viver nele sendo conduzido pela alma, na qual nos proporcionará o conhecimento, capaz de nos projetar a viver em sociedade de maneira feliz.

¹³ AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios e A Vida Feliz*. Tradução: Adauri Fiorotti, Nair de Assis Oliveira. 2. Ed. São Paulo: Paulus Editora, 1998. 157 p.

¹⁴ ARENDT, HANNAH. *O conceito do amor em Santo Agostinho*. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 18 p.

Só é possível este caminho, por meio de nossas relações com o outro, pois é o processo do conhecimento, onde é possível o encontro com a alma. É a experiência do dia a dia que nos proporciona os questionamentos, as indagações, a respeito do verdadeiro significado da vida feliz. “A identificação específica entre terrestre e mortal só é possível quando o mundo é considerado a partir do homem, aquele que vai morrer (moriturus). (ARENDR 1997. p.24). Talvez o fato de nos tornarmos conhecedores de nossa finitude. Seja a razão do desejo pela felicidade. Santo Agostinho, com sua vida percebe todos estes acontecimentos. Prova de todas as teorias do seu tempo. “Com efeito, mover os membros do corpo à vontade, ou não movê-los, estar dominado por algum afeto ou não o estar, traduzir por palavras sábios pensamentos e depois calar, são caracteres próprios da mutabilidade da alma e da inteligência.” (AGOSTINHO, 2007, p.161).

A LIBERDADE

O conhecer e o relacionar, quando o homem toma conhecimento que são ações necessárias e naturais de extrema importância, para a construção da liberdade. São ações necessárias e não contingente para criarmos o conceito de liberdade. Só podemos pensar em liberdade conquistada, a partir de nossas escolhas. Como podemos afirmar que somos livres? É na alma que encontramos nossa liberdade. Não é possível sermos livres fora da alma, pois é nela que esta nossa essência do viver.

Platão, reflete isso quanto menciona a Alegoria da Caverna: “a caverna corresponde ao mundo do visível e o Sol é o fogo cuja luz se projeta dentro dela. A ascensão para o alto e a contemplação do mundo superior é o símbolo do caminho da alma em direção ao mundo inteligível” (JAEGER, 2003, p.885).

O desejo desta liberdade é, a busca de cada ser humano. Somos seres que aspiramos constantemente a liberdade. Como lemos o relato da Alegoria da Caverna, nos questionamos o porque desta prisão. De quem somos verdadeiramente prisioneiros? Olhamos para o prisioneiro e indagamos se é justo ou não estar presos, acorrentados. Queremos ser livre, mas precisamos agir com responsabilidade. Nossas ações terão que ir além, ou seja, romper as barreiras físicas e emocionais. Quando a liberdade ocorre no sujeito, o mundo que quer aprisioná-lo, passa a ser apenas um lugar, onde o homem pode se revelar e ser feliz.

Assim escreve SCHOPENHAUER,

Aquele que conhece todo o resto, sem ser ele mesmo conhecido, é o sujeito. Por conseguinte, o sujeito é o *substratum* do mundo, a condição invariável, sempre subentendida de todo fenômeno, de todo objeto, visto que tudo o que existe, existe apenas para o sujeito. Tendo a alma alcançado o que sempre buscou, a liberdade de não estar aprisionada ao objeto, mas de ser o que ela é, lança, assim, o sujeito a ver o mundo e a viver nele como ser que faz parte dele e não como um escravo. Levando em consideração o que Schopenhauer disse: “tudo o que existe, existe para o sujeito”. Não teria finalidade o mundo, não teria sentido a vida humana, se esta fosse aprisionada até o seu entardecer, mas ao tornar-se livre desse mundo contemplando-o como lugar da revelação, onde o ser se conhece e conhece as coisas que fazem parte dele, e em harmonia vivenciar as virtudes existentes na alma, o caminho para a vida feliz se abre e a realização do ser humano acontece.¹⁵

O AMOR COMO CONDIÇÃO PARA A LIBERDADE

A liberdade nós proporciona um olhar diferente para o mundo. Enxergamos uma beleza que era oculta aos nossos olhos. Sabemos que o amor é uma força presente nos seres humanos, ele é capaz de oferecer uma compreensão do mundo e das pessoas. Ele nos move em direção a alma, por amar é viver no mundo, conceituando e dando significado a nossa existência, se excesso e carências. Ele é a força adivinha da alma, que é capaz de dar sentido a vida humana. ARENDT assim descreve: “A vida feliz encontra-se, em primeiro lugar, na memória; através dela, o homem está em relação com o seu ser mais apropriado, a sua origem. Recordando um passado anterior e toda a possibilidade da experiência terrestre humana, a criatura apresenta o limite extremo do passado humano, o a partir de onde que a constitui”¹⁶. A medida em que o amor torna-se o centro da vida do ser humano, ele faz despertar como na caverna de um grande sono preguiçoso, que nos prende ao objeto e nos torna escravos, como nos referimos anteriormente. Se esta presente na vida humana por meio da liberdade proporcionado pela alma, a visão de mundo deixa de ser materialmente e, damos novo sentido a nossa história, humanizando as coisas, dando sentido ao mundo. ARENDT, de forma clara demonstra este sentido do amor.

“O próprio amor é apenas uma consequência desta determinação. O grau do amor (*dilectio*) caminha lado a lado com a determinação daquilo que é preciso amar. Está conforme à ordem que atribui a cada um o seu lugar. Cada um tem apenas o amor que lhe pertence, nem mais nem menos. O amor (*dilectio*) así e ao próximo só é orientado por um objectivo – o amor (*amor*) deseja uma coisa por amor a ela, por isso é dependente dela -, mas o amor aqui não é mais que a atitude objectiva predestinada ao homem que, sempre aí no mundo, vive no futuro absoluto.”¹⁷

Nós vivemos não por que amamos, mas por que somos amados. O amor tem esta grande dimensão, seu principal objetivo é amar. Ele é capaz de dar sentido ao mundo, fazer com que o ser humano seja (SER). Quando amamos não somos influenciados por pessoas ou por objetos, mas pela força que surge da alma, independente das ações do mundo exterior. O despertar do amor no ser humano,

¹⁶ (ARENDT, HANNAH. *O conceito do amor em Santo Agostinho*. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 78 p.)

¹⁷ ARENDT, HANNAH. *O conceito do amor em Santo Agostinho*. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 41 p.

tudo fica menos imperfeito. Isto ocorre por que ele ordena e tira os excessos, ele da o equilíbrio.

O amor se veste de humano, somos realmente quem somos, ele nos retira das prisões. Ele tem o poder de nos refazer, mudar nossa historia, dando sentido a nossa existência. Quando se ama, o amor tem o poder de preencher todas as nossas lacunas. Ele pode nos libertar dos grilhões da ignorância, dando sentido ao ser.

O TEMPO E A FELICIDADE

Não somos prisioneiros do tempo: “oh tempo mágicos de todas as nossas traições.”(Guimarães Rosa). Em muitas circunstâncias vivemos a mercê do tempo, ele passa despercebido. Mario Quintana assim se refere:

"A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa. Quando se vê, já são seis horas! Quando de vê, já é sexta-feira! Quando se vê, já é natal... Quando se vê, já terminou o ano... Quando se vê perdemos o amor da nossa vida. Quando se vê passaram 50 anos! Agora é tarde demais para ser reprovado... Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio. Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas... Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo... E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo. Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz. A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará"¹⁸.

Desta forma é preciso estar atento ao tempo. Nele somos marcados com nossas vivências. É pelas nossas experiências que somos reconhecidos. O tempo nos permite planejar, ter perspectiva do infinito. O que limita o ser humano o ser humano no tempo é o tempo que passa, sendo ele mal utilizado a vida perde seu sentido. Passar pelo tempo sem vivê-lo é perder-se no tempo. Ele possui o poder de guardar. Assim escreve Santo Agostinho:

“De fato, medimos o tempo; mas não o tempo que ainda não existe, nem o que já não existe, nem o que não tem duração alguma, nem o que está passando. Não é, portanto, nem o futuro, nem o passado, nem o presente, nem o que não tem limites que medimos: e, contudo, medimos o tempo. Se realmente possuímos esse interesse em medir o tempo, é justamente porque o que nele ocorre nos é importante e nos faz mover, nos faz repensar a história e nos reprojeta no presente em direção ao sentido almejado pela alma. Se o mundo possui uma ordem, então o tempo está sobre esta ordem, pois olhar para o tempo é redescobrir-se, é repensar o que se faz em busca do que se é¹⁹.

Assim, o papel do tempo na vida humana é fundamental é fundamental na busca para a vida feliz, por que é desta forma que o homem se projeta, planeja, constrói, dá sentido a sua vida. A vida não teria sentido sem o tempo. O maior desejo da alma é ser feliz. A história da humanidade se constrói pelos acontecimentos vividos no presente. A vida constantemente ameaçada pela morte não é vida, uma vez que nunca deixa de correr o risco de perder o que é, aquilo que

¹⁸ <http://www.bilibio.com.br/poema/199/o+tempo+de+mario+quintana.html>)

¹⁹ AGOSTINHO, Santo. Confissões. tradução: Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007. 432 p.

até sabe que tem de perder um dia.”²⁰ . A medida em que tomamos consciência de nossa finitude, ou seja, que nossa vida terá um fim, ampliamos nossa axiologia quanto as coisas que nos circunda. Perdemos muito tempo com coisas vãs, que deixamos de viver o melhor dá vida. Apouco lendo a poesia sobre o tempo se Mario Quintana, elencamos sua veloz passagem. A consciência filosofia da morte nos impulsiona para a felicidade de viver.

20

(ARENDR, 2007, p.19)

A CONVIVENCIA E A FELICIDADE HUMANA

Após de um longo caminho percorrido para buscara felicidade, ou falar sobre sua existência e, sabendo que todo ser humano a almeja desde sempre. Elencamos alguns verbos; o conhecer, o relacionar, a liberdade, o tempo, o amor e a esperança. Por fim chegar aquilo que almejamos para a vida feliz é, ser livre para conhecer. Viver no mundo sem ser dragado por ele. Participar das ações como únicas. Ser feliz, não é de forma alguma uma utopia como previam muitos escritores e filósofos. Viver feliz é contemplar a realidade e dela vivenciar-se. Com esta afirmação escreve Hannah Arendt: “

“A vida feliz não é rememorada como puro passado, que enquanto tal não a nada obriga a vida factual; ao contrário, ela é, enquanto passado rememorado, uma possibilidade do futuro (tal como, nos momentos de tristeza, nos recordamos da alegria a partir da experiência que se teve como um possível que pode ser reencontrado em momentos actuais de tristeza). Com o passar do tempo, a humanidade passou por grandes transformações, principalmente com o advento da tecnologia e das ciências. De certa forma, todos estes avanços ocorridos ao longo da história, trouxeram, sim, muitas inovações, contribuíram de várias maneiras para o desenvolvimento do mundo, mas não podemos negar o fato de que nunca em toda a humanidade o ser humano se sentiu tão fortemente abalado como em nossa era contemporânea”²¹.

Não resumimos a vida apenas com acontecimentos mortos pelo passado, mas como uma associação de experiências vivenciadas. Muitas vezes são positivas ou não, mas acima de tudo e projeção para o futuro. Na atualidade somos cobrados a exercermos apenas como seres objetivos, passivo aos acontecimentos inerentes. Até que ponto estamos entendendo este mundo contemporâneo que navegamos? Que danos essa cultura contemporânea causa a humanidade estagnada por uma felicidade massificada pela mídia do consumo, da coisificação das pessoas. Como pode ser feliz em um mundo onde o outro é simplesmente mais um. O outro é coisificado. Ampliamos a ideia de gosto e sufocamos o amor. Amar é visto apenas como um verbo, nem sempre bem conjugado.

A descaracterização do ser humano, tem seu ápice no mundo contemporâneo, talvez em virtude do grande avanço tecnológico, do desenvolvimento da informática, que nos distancia com as redes sociais e, nos aproxima de forma global e impessoal. Desta forma é impossível compreender a premissa de que o ser humano só pode ser feliz de é livre. A tecnologia das redes sociais nos mostra um outro lado do revelar-se ao ser oculto. Por pouco somos livres e felizes, podendo opinar ou até mesmo agredir o outro com nossas indagações.

²¹ **ARENDR, HANNAH. *O conceito do amor em Santo Agostinho*. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 189 p.**

Santo Agostinho não viveu em um mundo diferente, apenas com características pertinentes a sua época. Sofreu desde sua infância a angustia do não conhecido, oculto e misterioso. Assim, da um passeio pelas teorias filosóficas, afim de conhecer a si mesmo e tornar-se conhecido. Era preciso relacionar com o mundo, o tempo, a liberdade, o amor, a transcendência e a vida feliz.

Agostinho assim afirma:

“Encontrei muitos que gostam de enganar, mas ninguém que quisesse ser enganado. Onde, então, conheceram a felicidade, senão onde conheceram a verdade? Visto que não querem ser enganados, também amam a verdade, e desde que amam a felicidade, que nada mais é que alegria, proveniente da verdade, certamente também amam a verdade; e não a amariam se não retivessem dela, na sua memória, alguma noção. Por que, então, não se alegram com ela? Por que não são felizes? Porque se empolgam demais com outras coisas, que as tornam mais infelizes do que a verdade, de que se recordam fracamente, e que os faria felizes”²².

Com as palavras de Santo Agostinho, podemos perceber que o desejo de conhecer, nato no homem, o projeta na busca pela verdade, ou seja, quando temos a certeza do que procuramos. Assim encontramos a felicidade, do desvelar. Tirar as mascaras, agir sem representações, viver na verdade, fixar naquilo que conduz a alma a felicidade. Isto somente é possível com o embasamento da filosofia. Ela é a faculdade do entendimento. Visto que Agostinho, nos propõe que os sentidos nos enganam, nos faz viver na ilusão, a filosofia nos direcionará ao verdadeiro entendimento da verdade.

No segundo dia do colóquio, ou diálogo De Beata Vita, reflete que a vida feliz e justamente o relacionar-se com o mundo não se prendendo ao transitório, aquilo que engana e seduz. Na atualidade as luzes da informação ofuscam, ofertando uma diversidade de produtos. A mídia nos seduz, mostrando uma fase oculta da estética, a beleza do mercado, ou seja, a indústria das coisas. Almejar a vida feliz é, justamente querer atingir a essência da coisa. Estamos angustiados com aquilo que e apresentado “a angustia manifesta o nada”, como escreve Heidegger.

CONCLUSÃO

Como atingir a felicidade. Agostinho percorre um caminho diferente aos nossos olhos, ofuscado pela mercantilização das coisas. Ele afirma em seus escritos que a vida feliz em suma esta em Deus. Quem é este deus que ele sempre procurou. “Eu sou aquele que sou”. Nesta máxima do livro do Êxodo, no antigo testamento, Ele se revele, como o Senhor de tudo. Aqui podemos encontra o porto seguro que Agostinho se instala e escreve seu pensamento. O desprezo pelas coisas do mundo, não significa para com a filosofia. A filosofia é uma ferramenta para se chegar ao conhecimento, a sabedoria que se encontra com O Sumo Bem, que é Deus.

Enganasse quem se acomoda diante dos acontecimentos do mundo, vivendo apático a ele. Este mundo é o lugar das realizações do homem, lugar onde a vida acontece. Aqui temos o desejo de ser feliz.

No decorrer da história da filosofia, grandes filósofos se preocuparam em da sentido a vida e, ao mundo em que vivemos. Refletiram de forma racionalista, idealista, metafísica, etc. Na atualidade encontramos muitos pensadores, como Julián Marías's, debruçam neste tema com a intenção de dar sentido a vida. Por fim buscar a felicidade é buscar a verdade. Buscar a verdade é estabelecer com a filosofia a trilha do conhecimento. “Conhece a ti mesmo” (Sócrates).

O pensador Heidegger reflete que o homem precisa ser no mundo, buscar viver ontologicamente, não apenas passar pelo mundo. O mundo será compreendido quanto tomarmos consciência de quem somos e, para que estamos aqui. O respeito pelo outro, não como mais um no mundo, mas como presença.

O grande desafio da sociedade contemporânea e construir ou propor a construção deste novo homem. Livre no seu tempo e capaz de buscar a felicidade diante dos desafios. O conhecimento talvez seja a única saída, para este novo modo de projetar a alma e, valorizar o sujeito. A axiologia para com a vida deve ser a supremacia de preservação da espécie, não só humana mas de todos os seres vivos. Do que nos vale as preocupações em avançar em tecnologias para descobrir outras vidas, se a vida na terra está posto em cheque. Isto é pura ilusão e, fuga da realidade. Para ser feliz é preciso possuir a sabedoria como escreve Santo Agostinho: “a felicidade é plenitude no sentido de moderação, que vem de fruto, implicando o sentido de medida, pois a falta de moderação ocasiona falta de medida. Por isso, conclui-se que, para ser feliz é necessário possuir a sabedoria, ou seja, a justa medida, pois a sabedoria é a justa medida da alma”²³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007. 432 p.

AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios e A Vida Feliz*. Tradução: Adauray Fiorotti, Nair de Assis Oliveira. 2. Ed. São Paulo: Paulus Editora, 1998. 157 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução: M.F. Sá Correia. 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2007. 431 p.

ARENDT, HANNAH. *O conceito do amor em Santo Agostinho*. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 189 p.

JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. Tradução: Arthur M.Parreira. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 1413 p.

HEIDEGGER, Martin. *Coleção -Os pensadores*. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. 304 p.

MELO, Fábio de. *Quem me roubou de mim*. São Paulo: Canção Nova, 2007. 150 p.

HABIGZANG, Luísa Fernanda;CADAVIZ, Ana Letícia. *A Cultura contemporânea e a produção do sintoma depressão*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/instituente/luisaculturadepressao.htm>> Acesso em: 15 novembro de 2015.

SAYEGH, Flávia. *As relações entre desenvolvimento e aprendizagem para Piaget e Vygotsky*. Disponível em: <<http://www.profala.com/artpsico60.htm>> Acesso em: 02/12/2015.